
“Pretagonismo” na Infância: a epistemologia presente\ausente na educação para relações étnicos raciais em um Centro de Educação Infantil

"Pretagonismo" in Infancy: the epistemology present in education for racial-ethnic relationships in a center of children education

Francisca Veridiana Nunes de Freitas
Sahmaroni Rodrigues de Olinda
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Fortaleza\CE-Brasil

Resumo

O artigo tem como temática as relações étnico raciais dentro de um centro de educação infantil localizado na periferia de Fortaleza, tendo como objetivo principal realizar uma releitura de experiências vivenciadas ao longo do período de Estágio I em Educação Infantil (2023.2), componente obrigatório no curso de Pedagogia Diurno da Universidade Federal do Ceará. Trata-se de pesquisa qualitativa, e foram utilizados os dados coletados a partir do relatório da disciplina. Com os dados gerados, é notório que as micro relações presentes no cotidiano das instituições de educação infantil não se distanciam do debate acerca das relações étnico raciais, e que, apesar de haver algum conhecimento acerca de tais discussões, as questões de raça são pouco debatidas e/ou problematizadas no cotidiano da instituição observada.

Palavras-chave: Educação infantil; Educação para as Relações Étnico Raciais; Estágios.

Abstract

This article's main topic is the treatment of the ethnic-racial theme inside a children education center located on the suburbs of Fortaleza, focusing on the reinterpretation of the experiences undergone throughout the duration of the course named Practice I in Children Education (2023.2), a mandatory component on the course of Pedagogy of the Federal University of Ceará (UFC). It is qualitative research, and we used data collected form the report developed during the course. With the generated data, it becomes clear that the micro-relationships present on the context of the children education institutions; daily routine don't stray away from the discussions about the ethnic-racial relationships, and that, even though there is some knowledge about such discussions, the concerns about race are rarely discussed and/or problematized on the context of the observed institution.

Key words: Child education; Education for Ethnic-Racial Relations; Stages.

“Pretagonismo” na Infância: a epistemologia presente|ausente na educação para relações étnicos raciais dentro de um Centro de Educação Infantil.

1- Introdução

Este texto tem como objetivo principal realizar uma releitura de experiências vivenciadas ao longo do período de Estágio I em Educação Infantil (2023.2), componente obrigatório no curso de Pedagogia Diurno da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, cuja base curricular é o Projeto de Plano de Curso (PPC) 2007.2. Ao longo do texto, realizamos o recorte temático para explicitar a Educação em Relações Étnico Raciais na Educação infantil e como isso interfere na formação do pedagogo.

O interesse pelo assunto surgiu a partir de um seminário na disciplina de Educação Infantil, realizado no semestre 2022.1, cujo tema central eram as Relações Étnico Raciais com crianças pequenas e bem pequenas. A partir disso, o rol de leituras aumentou, pois para a realização do seminário, foi necessário aprofundar além do referencial dado pelo professor regente da disciplina, e desde então as pesquisas não pararam, passando por escritos de bell hooks (2017), Nilma Lino Gomes (2010), Cida Bento (2022), Formosinho (2007) entre outras. A partir disso, criou-se uma afinidade com o tema para além de Educação Infantil e ultrapassando os dizeres das relações étnico raciais na infância, chegando à Antropologia da Infância.

Com isso, é inegável ressaltar que a entrada no campo de estágio em educação infantil, tendo como base tais referenciais teóricos, seria decisiva para o olhar direcionado do pedagogo (Hoyuelos, 2019), uma vez que, ao apropriar-se desses conceitos, se tornaria notória a reflexão acerca das relações étnico-raciais ao longo do estágio, devido a alguns acontecimentos relatados a seguir.

Acerca da metodologia, foram utilizados os dados coletados a partir do relatório da disciplina curricular obrigatória Estágio I em Educação Infantil. Durante o estágio, mostrou-se notório que as micro relações presentes no contexto do cotidiano das instituições de educação infantil não se distanciam do debate acerca das relações étnico raciais, e, tendo em vista as pontuações realizadas acerca da interpretação da escola enquanto uma instituição democrática e social realizada por Boaventura Santos (1996), é essencial direcionar os olhares às instituições públicas de ensino enquanto locais coerentes epistemologicamente acerca do debate étnico racial, sobretudo incluindo-as no seu contexto pedagógico, sendo necessário reaver uma articulação incluindo-as no debate público, político e pedagógico.

Um dos objetivos desse trabalho, é focalizar como os contextos das instituições de educação infantil tem distanciado ou aproximado o debate acerca das relações étnico raciais, sobretudo na infância, tendo como foco o campo de pesquisa que se institui enquanto uma Creche, que atende do público entre o Infantil II ao Infantil III, e a partir disso, englobam-se questões simultâneas de pesquisa, como: Como se estabelece a conexão entre o debate racial e as práticas dessa instituição de educação infantil? Como a arquitetura do local interfere na prática pedagógica no espaço? É válido apropriar-se dos conceitos de Zabalza (1998) quando autor cita os dez aspectos de qualidade da educação infantil, tendo como destaque o estabelecimento de um local arquitetonicamente possível de ser modificado pelas crianças e de como as práticas pedagógicas são interferidas ou não pelo espaço arquitetônico do Centro de Educação Infantil, sendo ele assim um atenuador ou estimulador da prática educativa.

Paralelamente a isso, as inquietações aguçadas a partir da metodologias encontradas durante o estágio em educação infantil, fez com que cruzássemos o referencial teórico do tema em questão com os apontamentos materializados a partir da escrita do relatório de estágio, enfatizado a necessidade de debatermos a Educação para as Relações Étnico Raciais e incluí-la de forma constante e contextualizada nos contextos dos Centros de Educação Infantil, sobretudo das instituições públicas de ensino, realçando a pedagogia participativa (Formosinho, 2007) e a escola enquanto um local democraticamente construído e não estático, alinhado com as pautas sociais da Antropologia da Infância. Enfatizamos que ao longo da pesquisa usaremos nomes fictícios para a instituição de educação infantil em questão e para as crianças envolvidas na pesquisa, por questões éticas.

2 O CEI Maria Carolina de Jesus

Adotamos o nome fictício do CEI como “CEI Maria Carolina de Jesus”, justifica-se a partir da influência de tal personalidade a nível nacional no que se refere ao protagonismo negro, indispensável enfatizar que os nomes de crianças utilizados daqui para frente também serão fictícios.

De forma inicial, é necessário enfatizar que o Centro de Educação Infantil que serviu enquanto objeto de pesquisa relatada neste texto, localiza-se na periferia de Fortaleza, mais especificamente no bairro Parangaba, encaixado na Regional IV. O local se constituiu enquanto uma instituição pública de ensino integral, onde o quadro de funcionários é distribuído de forma com que cada sala de referência tenha um professor regente de maior carga horária (PRA) e uma de menor carga horária (PRB).

“Pretagonismo” na Infância: a epistemologia presente|ausente na educação para relações étnicas raciais dentro de um Centro de Educação Infantil.

Referente ao quantitativo de crianças incluídas dentro da rotina da instituição, por volta de 46 crianças compõem o local, um ponto importante a ser destacado é que o CEI não possuía um Projeto Político Pedagógico (PPP) próprio até a data da realização do estágio, ele estava em processo de elaboração juntamente à comunidade, e até o final do estágio o que estava em vigência era o PPP da escola de ensino fundamental localizada nas proximidades do prédio onde estava locado o CEI.

Abaixo, um registro da parede que continha o cartaz incluindo o Selo UAPI-UNICEF, o que será posteriormente discutido ao longo do artigo (Figura 1).

Figura 1 - Mural da instituição de educação infantil, destaque para o Selo UAPI-UNICEF, presente na recepção do ambiente.



Fonte: elaborada pelos autores.

No dia de ambientação que antecede a prática precisa do período do estágio, fomos até a instituição para conhecer os interiores do prédio e assim que nos localizamos, notamos que em uma das primeiras paredes continha um banner médio contendo informações sobre o “SELO UAPI-UNICEF”. Partindo disso, surge a necessidade de detalhar mais precisamente a Unidade Amiga da Primeira Infância (UAPI). A UAPI é uma iniciativa do Fundo das Nações Unidas para Primeira Infância (UNICEF), no entanto, a nível municipal, uma vez que a UAPI é uma forma de qualificação de unidades de educação infantil, a fim de mensurar sua qualidade na prestação de serviços à comunidade e ao município.

Logo na ambientação da turma de estágio no CEI, deparamo-nos com uma parede exposta na entrada da instituição, onde estão dispostas fotografias das crianças que

compõem a creche, “intuitivamente” busco por uma criança negra, demorei poucos segundos para direcionar meu olhar a uma criança negra de cabelos crespos registrada brincando em um cavalinho laranja, logo em seguida chamo a atenção da minha dupla de estágio e ela sorri timidamente. É válido destacar que entre as 46 fotos dispostas, apenas uma criança negra foi localizada de imediato, a exposição em questão era referente a composição da creche propriamente dita, era organizada por salas de referências, pedagogicamente se tratava da constituição de um projeto que focava na identidade daquelas crianças.

A criança em questão é Ruslan, mais tarde iria descobrir que seu pai é angolano e sua mãe brasileira, ele acabara de completar dois anos e estava alocado na turma Infantil II B, sua pele negra retinta se destaca entre as fotografias assim como se destaca no ato de brincar, em meio a tantas crianças brancas e pardas.

Após a reunião com a coordenadora pedagógica da instituição, a turma recebe a autorização para explorar o local mais povoado pelas crianças, o quintal. Ruslan não me foge de vista, mas desvio o olhar dele por uns instantes para observar os expostos nas paredes do CEI. Me deparo com inúmeras representações etnocentradas de crianças brancas ao redor da creche, incluindo locais de convivências, salas de referências, banheiros, refeitórios e etc. Trazendo um detalhamento específico dos desenhos que constituíam o espaço físico e arquitetônico do Centro de Educação Infantil, de início a falta de representatividade negra foi alvo de curiosidade, uma vez que o espaço físico e arquitetônico da instituição retratam indiretamente sua prática pedagógica, através da linguagem simbólica dos desenhos. Partindo disso, enquanto de um lado a ausência dessas representatividades, do outro há uma superexposição de crianças brancas. Para além das questões étnico raciais inseridas nas representações desenhadas, outro ponto a se destacar é referente a falta de produções próprias das crianças, ao redor da Creche a presença de desenhos estereotipados em detrimento das representações artísticas das crianças é notória.

Paralelamente a isso, é fundamental citarmos a tese da pesquisadora Carola de Paula Teles (2010), intitulada “Representações sobre crianças negras na educação infantil”, nesse estudo a autora busca explicitar como essas representações e concepções étnico raciais interferem nas vivências da criança nos contextos da educação infantil, ao longo de sua pesquisa um dos tópicos levantados por essa autora é de que forma o letramento racial ou a ausência desse letramento por parte dos professores reflete em sua prática, onde muitas

“Pretagonismo” na Infância: a epistemologia presente|ausente na educação para relações étnicas raciais dentro de um Centro de Educação Infantil.

vezes o que ocorre é a reprodução de estereótipos e eurocentrismo na representação das crianças.

3- As paredes do Centro de Educação Infantil Carolina Maria de Jesus

Muitos autores que trabalham o conceito de pedagogias participativas enfatizam a necessidade de observarmos os contextos que compõem a instituição, desde o seu espaço físico e chegando até o seu espaço simbólico que é composto por dimensões subjetivas. Para que a partir disso, seja delimitado (ou não) o tratamento de certas temáticas presentes no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Centro, especificamente dos Centro de Educação Infantil. Reiteramos novamente o parêntese acerca do PPP do Centro de Educação Infantil Carolina Maria de Jesus, como é uma instituição nova, ele ainda está em elaboração do seu PPP próprio, a coordenação pedagógica da rede se apropria do documento do outro anexo da rede, que é uma escola de ensino fundamental. A partir desse apontamento, pode-se enfatizar que não se pode alocar um documento desta magnitude sem alterações necessárias, tendo em vista que os contextos de educação infantil refletem necessidades específicas de cada instituição.

Ao realizar a leitura prévia das paredes, ressalta-se os dizeres de Fochi acerca da observação em instituições de educação infantil “[...] a conjugação de três ações inseparáveis: observação, registro e interpretação. [...]” (Fochi, 2015 *apud* Furtado, 2023, p. 56). Ao longo da observação dos contextos, uma parede específica chama atenção, uma parede branca com algumas cartolinas expostas, formando letras grandes e destacando o nome do referido projeto “Somos de todas as cores”. Trazendo uma ênfase contextual, a composição propriamente dita do material bruto dos cartazes era basicamente mãos carimbadas, de todas as crianças que faziam parte do CEI, cada mão com uma referida cor, trazendo em contexto a ideia de que somos de todas as cores justamente por não haver, segundo o preceito do projeto, distinção entre cores., lembrando muito o mito da democracia racial que faz com que o racismo continue em nossas relações sociais (Bento, 2022).

Enfatizando a necessidade de além de observarmos, registrarmos e interpretarmos as ações ocorridas no campo de pesquisa, conectamo-nos com os dizeres de Ostetto acerca da distribuição e interpretação dos espaços quando ela diz que o espaço não consiste apenas em:

[...] sua dimensão física - um lugar que permite ou dificulta determinadas ações, como também em seu aspecto simbólico-como ambiente que comunica valores e concepções, definido por uma estética e visualidade que contribuem decisivamente para a construção cultural do olhar e, portanto, da sensibilidade [...] (Ostetto, 2011, p. 8).

Ao intitular o projeto de “Somos todas as cores” é impossível não entrelaçamos com a temática étnico racial, uma vez que ocorre uma ausência do tratamento correto da temática, ao trabalhar isso com as crianças deixa-se de lado a possibilidade de letrar racialmente as crianças, visto que isso é um direito delas, segundo a Lei 10.639 que enfatiza a obrigatoriedade do tratamento das questões étnico raciais dentro dos ambientes educacionais, incluindo as creches e pré-escolas.

Para além desta lei, outros documentos norteadores enfatizam o mesmo ponto, inclusive os Artigos 3º, 4º e 5º das Diretrizes Nacionais Curriculares, ao parafrasearem diretamente um dos papéis da instituição referente ao tema: : “1) divulgação e produção de conhecimentos que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial”. Partindo desse pressuposto, uma pesquisa, realizada no ano de 2023 pelo Instituto Alana intitulada “Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.”, destaca através de dados concretos que as Creches se constituem enquanto etapa de ensino que menos trata a temática étnico racial dentro dos seus ambientes pedagógicos. Além disso, é preciso que o corpo docente da instituição enfatize cotidianamente a importância desse tema, tendo em vista a diversidade presente dentro dos centros de educação infantil na periferia de Fortaleza.

Trazendo ênfase para a questão racial, a partir desse projeto, podemos pensar um conceito amplamente estudado por Bento e aprofundado por Cardoso, que se constituiu enquanto “Branquitude”:

[...] entendida como uma construção social de significados em torno da identidade branca numa estrutura racista em que brancos detêm privilégios simbólicos e materiais, também é possível de ser reconstruída considerando abolir as vantagens sociais em ser branco. [...] (Cardoso, 2021 p. 32).

Seguindo a perspectiva do projeto citado anteriormente, é válido para a discussão citar o estudo elaborado por Cintia Cardoso (2021) desenvolvido em sua dissertação de mestrado. Ali, a autora enfoca citações de Hall, quando destaca-se o papel da linguagem simbólica presente nos contextos de educação infantil. Como o autor afirma, “Acima de tudo, os significados culturais não estão somente na nossa cabeça, eles organizam e regulam

práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos [...]” (Hall, 2016 *apud* Cardoso, 2021).

Partindo dessa perspectiva é notório o que as paredes e os trabalhos dizem às crianças sobre raça, “não existe distinção racial, somos todos iguais”, falácia essa que interioriza precocemente o reconhecimento de disparidades sociais presentes dentro e fora do sistema educacional. Indo mais além seguindo a mesma perspectiva, negar esse letramento às crianças é inviabilizá-las enquanto seres atuantes socialmente, negando seu direito à cidadania.

A presença majoritária de representações eurocêntricas no interior da instituição foi alvo de atenção e questionamentos: O que essas paredes querem dizer para as crianças deste Centro de Educação Infantil?

Tendo em vista que além do espaço interior estar repleto dessas representações, o exterior, infelizmente, seguia a mesma perspectiva, principalmente no local onde as crianças passavam a maior parte do seu tempo brincando de “faz de conta”: a cozinha presente no quintal. Na parede com sua pintura já desgastada com o tempo, estavam pintadas duas bonecas grandes, tanto de tamanho quanto de fenótipo, ambas brancas e femininas, no local onde o espaço era convidativo para a realização de brincadeiras de faz de conta.

Logo percebemos que o espaço da cozinha era convidativo para a realização dessa brincadeira, a organização dos brinquedos e a própria estrutura simbólica é bastante comunicativa às crianças. Uma vez que a partir do faz de conta, a criança realiza uma relação dialética com o meio social vigente, a partir da apropriação das representações sociais que são retratadas ao decorrer das ações das crianças.

De forma semelhante, ao destacar a bibliografia utilizada para embasar teoricamente os acontecimentos do estágio, é válido ressaltar e detalhar especificamente essa relação explicitada no parágrafo anterior. Ao destacar que a criança ao brincar estabelece essas micro relações entre objeto e o social, é notório que a bagagem cultural interfere precisamente nesses momentos. Logo, o protagonismo secundário das representações sociais para a criança aparece de forma primária como produto dessas associações, por exemplo: ao brincar, as normas sociais internalizadas por aquela criança se reforçam ao se intensificar nas presenças da brincadeira em questão. Partindo disso, estabelecendo uma conexão com o espaço do CEI, foi observado uma maior presença de meninas naquele espaço, reforçando

socialmente que “Lugar de mulher é na cozinha”, no entanto, alguns meninos também interagem com o local, mesmo com a predominância feminina.

Para aprofundarmos nosso entendimento sobre as práticas educativas, Rinaldi (2017) ressalta o papel do ambiente: “A composição que se dá ao ambiente não é neutra, posto que a linguagem do espaço é muito forte e constitui um fator condicionante” (Rinaldi, 2017, p. 153).

Logo, conseguimos estabelecer um paralelo com outro ponto: a indisponibilidade de bonecas pretas no interior da creche e no seu exterior. Relembrando a prática pedagógica realizada a partir do Projeto “Somos todas as cores”, é notório que para além da indisponibilidade literal das bonecas pretas, a instituição é permeada de práticas pedagógicas que enfatizam a presença de uma falsa “democracia racial” presente no interior da creche, realidade de diversas instituições de educação a nível nacional.

Estamos comunicando muitas coisas para as crianças ao disponibilizar um espaço para o brincar simbólico carregado por várias simbologias que perpetuam indícios de uma sociedade naturalmente eurocentrada e machista. Para além das contribuições simbólicas das representações presentes na arquitetura da instituição, outro ponto foi alvo de inquietações: a quantidade díspar de bonecas brancas em detrimento de bonecas negras, tal inquietação foi tão intensa que foi alvo de registro imediato.

O registro abaixo (Figura 2) foi feito no espaço de convivência das crianças, onde elas passam a maior parte da manhã no brincar livre, rodeadas de brinquedos, mas curiosamente, sem a presença de outras cores, de todas as cores como alardeava a parede com as mãos das crianças do CEI que, inclusive, era em sua maioria pardas.

Figura 2 - Bonecas dispostas na área externa, nota-se de forma explícita a disparidade tratando-se do quantitativo entre bonecas brancas e pretas.



Fonte: elaborada pelos autores.

“Pretagonismo” na Infância: a epistemologia presente|ausente na educação para relações étnico-raciais dentro de um Centro de Educação Infantil.

Refletindo esta situação em consonância com Cardoso (2021), faz ser notório que a população negra evidentemente continua em desvantagem social, simbólica e educação excentricamente díspar, o que segundo a autora “ênfatiza a discriminação racial presente na estrutura social.” Segundo os escritos da autora:

[...] Nesse sentido, algumas questões foram referenciais para pensar o processo de pesquisa: a branquitude pode ser considerada uma barreira para tornar o contexto educativo um espaço de igualdade; a falta de entendimento de professoras brancas acerca das relações étnico-raciais incide na dinâmica e organização das práticas e a branquitude se torna a referência destas experiências; o pensamento racial hegemônico do branco como padrão é orientador das práticas cotidianas no contexto da educação infantil; o branco como referência nas imagens lançadas nos espaços da instituição produzem discursos de alusão aos ideais de branquitude; as interações entre as crianças de diferentes pertencimentos étnico-raciais em espaços educativo-pedagógico que silenciam sobre o tema produzem desigualdades raciais. [...] (Cardoso, 2021, p. 25).

Seguindo os apontamentos em consonância com as práticas pedagógicas da instituição, é notório que o letramento racial não é uma pauta incluída nos planejamentos pedagógicos. Para além disso, ao observar a proposta dos projetos contidos nas paredes, a indisposição de bonecas pretas para o brincar e a ausência de representações negras nas paredes do CEI, é explícita como a proposta da ERER é tratada no interior do Centro de Educação Infantil. Assim, a ausência dessas pontuações no cotidiano das crianças implica precisamente na não construção de uma autoimagem positiva nas crianças negras, tendo em vista que o letramento racial não realizado implica necessariamente na invisibilidade das questões pertinentes ao tema da diferença racial, que, independente de serem tratadas ou não nos interiores do CEI, não deixam de existir de forma cada vez mais próxima na sociedade civil. Partindo disso, nota-se mais uma vez a necessidade da escola se portar enquanto ambiente formador da identidade racial dessas crianças.

Logo, o papel da escola enquanto ambiente racializado é mais do que necessário para uma prática democrática e que atenda ao que é exigido nos documentos norteadores e normatizadores da prática pedagógica. Por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) enfatiza a necessidade de trabalhar com as crianças na construção da Identidade. Nesse ínterim, o papel da instituição é necessário, para além do tratamento superficial da temática, é necessário incluí-la diariamente nas práticas educativas, a fim de nortear a construção da personalidade dessas crianças para que elas sejam racialmente letradas de forma crítica, desde a educação infantil, reconhecendo-as assim como sujeitos socialmente ativos.

Para além da construção de uma identidade positiva, a personalidade também é formada não de forma integral, mas de forma significativa nos arredores das instituições de educação infantil, logo, a construção de uma personalidade alinhada com uma autoimagem positiva é extremamente necessária e direito essencial dessas crianças, sobretudo nesse caso, as crianças negras e pardas nessa instituição, que, assim como as crianças brancas, possuem sua identidade racial invisibilizada com práticas que perpetuam o mito da democracia racial.

Cabe citar Cida Bento (2022) em sua obra “O pacto da Branquitude”, onde a autora enfatiza que o não tratamento do tema racial no interior das instituições, perpetua uma falsa ideia de igualdade, que privilegia uma raça sobre a outra, nesse caso, as pessoas negras são inferiorizadas com o não tratamento da temática racial uma vez que quando não ocorre o questionamento, é notório que o que predomina é o “normativo” socialmente, e no contexto atual, mesmo com os avanços, o normativo é o eurocêntrico, branco.

Partindo disso, Cavalleiro (2024), enfatiza em seus escritos:

[...] numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e em contrapartida a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros. [...] (Cavalleiro, 2014, p. 19).

A partir disso, é fundamental que haja o entendimento dos contextos da educação infantil enquanto ambientes racializados socialmente, partindo disso, é essencial que seja feita a ambientação correta das crianças com o tema, se despreendendo de preconceitos sociais e reformulando perspectivas não coloniais, propondo condições igualitárias desde a disposição de brinquedos até mesmo as abordagens pedagógicas realizadas dentro e fora da instituição, enfatizando a necessidade do desenvolvimento integral da criança, de modo que o branco seja racializado, e não invisibilizado de modo que se sustente o mito da democracia racial e a população negra sofre cotidianamente com essa estrutura perversa.

Paralelamente a isso, promover ambientes racializados para as crianças no contexto da creche está relacionado diretamente com a concepção de infância predominante no CEI, uma vez que ao entender a criança enquanto ser ativo na sociedade e protagonista, nota-se a potencialidade para tratar tais temáticas desde muito cedo, envolvendo-as com a Educação para as Relações Étnico Raciais. Ressaltando os dizeres de quando Cavalleiro (2014) enfatiza a necessidade de incluir as questões raciais no projeto-político-pedagógico da instituição, sobretudo a instituição pública de ensino, retomando a necessidade um ensino público de

qualidade, tornando a temática racial um dos eixos estruturantes do fazer pedagógico, tal qual o brincar nos contextos do cotidiano do Centro de Educação Infantil.

4- As relações estabelecidas (ou não) dentro do CEI

De forma inicial, a dupla de estágio foi direcionada para a implementação do Projeto Ateliê, logo a nossa abordagem inicial foi voltada para o projeto previamente elaborado. No entanto, mesmo com o direcionamento específico para tal, o olhar pedagógico não deixava de observar as microrrelações ao redor de Ruslan, principalmente no que se refere ao contexto de uma creche onde apenas há uma criança negra retinta. Ao longo do estágio me peguei fazendo algumas perguntas para as professoras dele, e descobri alguns pontos interessantíssimos: Ruslan é filho de uma professora brasileira e de um pai natural da Angola; ele é uma criança que possui uma afinidade muito bem consolidada com os livros desde muito pequeno.

Segundo os relatos da professora com a maior carga horária, uma das turmas anteriores de estágio trouxe um livro paradidático não identificado sobre a temática étnico racial através dos penteados, ao deparar-se com os personagens do livro Ruslan constantemente falava com tom de surpresa: “Titia”; “Vovó”; “Mamãe”, tal atitude mostrou como a auto identificação positiva interfere nas relações presentes dentro da instituição, ao aproximar-se de forma positiva ele estabeleceu boas relações consigo mesmo enquanto criança negra e enquanto criança leitora. No decorrer do estágio, fomos remanejadas para a turma do Infantil II B, coincidentemente, a turma de Ruslan, isso fez com que eu me aproximasse mais ainda dele e observasse mais especificamente as micro relações que eram desenvolvidas juntamente a ele no contexto da creche.

5- O banho

Ao sermos inseridas e realocadas especificamente em uma sala de aula, pudemos nos apropriar de forma mais direcionada ao que acontecia ali dentro. Nos aproximamos das crianças e da rotina delas, a hora do banho era no final da tarde logo após os lanches e o brincar livre. Parafraseando Cardoso (2021), as crianças têm suas próprias culturas e sempre é preciso participar delas para poder documentá-las. Ao sermos inseridas dentro de sala foi possível realizar essas articulações mais precisamente.

Nós não tínhamos permissão para nos inserir dentro dos banheiros para a realização do banho das crianças, devido a falta de afinidade e pelo inserimento tardio dentro da sala, a

professora regente optou por nos deixar na parte pós banho, que consiste nas etapas de vestimenta, pentear os cabelos e etc. Logo no primeiro dia, uma questão chamou bastante a atenção: todas as crianças tinham seus cabelos penteados, menos Ruslan, a criança negra com cabelos crespos era a única da turma de 10 crianças que não tinha seu cabelo penteado, ao perceber isso, tomei nota no diário de campo e guardei essa inquietação para mim, nesse mesmo dia foi observado que só existia um tipo de pente para todos os cabelos, o que foi alvo de outra inquietação: como uma criança com cabelos crespos tem seus cabelos penteados sem desconforto com a ausência do pente apropriado?

A partir deste apontamento, é estabelecido uma relação intrínseca entre os dizeres de Bento (2022) acerca da temática do pacto narcísico, presente em seus escritos. De acordo com a autora, uma das interlocuções estabelecidas entre a branquitude e a sociedade é a instauração de uma forma de criar uma proximidade simbólica entre pares dominantes socialmente, como forma de manutenção do poder e instauração de uma dominância simbólica. Como consequência, crianças que não se inserem nesse contexto, se situam à margem da situação, a distanciando enquanto sujeito ativo na sociedade.

Concordamos com bento quando ela assevera que:

[...] nesse processo, é fundamental reconhecer, explicitar e transformar alianças e acordos não verbalizados que acabam por atender a interesses grupais, e que mostram uma das características do pacto narcísico da branquitude. [...] (Bento, 2022, pág. 20)

Essas atitudes denunciam de forma explícita como a diversidade étnico racial é desconsiderada dentro do contexto de educação infantil e como isso impacta até mesmo na realização dos tempos, presentes nos documentos norteadores da prática, tendo em vista que o momento do banho está inserido legalmente dentro do cotidiano de educação infantil, e isso se constitui enquanto um direito da criança, ser higienizada corretamente, uma vez que ela passa a maior parte do dia dentro da instituição.

Negar isso é gerar um afastamento entre criança e professora e por conseguinte, distanciando-se do que é garantido pelos documentos normativos da educação infantil, e elucidado por educadores:

[...] a criança tem de ter elementos que colaborem na construção de sua identidade racial de modo positivo, já que essa identidade não pode ser imposta, ou seja, o pleno desenvolvimento da criança previsto na LDB articula-se com a Construção de uma identidade positiva [...] (Cardoso, 2021, p. 83-84).

6- Modificações no espaço interior e exterior do CEI

Ao dialogarmos com a gestão sobre nosso interesse na temática étnico racial, algumas coisas mudaram estruturalmente na instituição. Nos primeiros dias de ambientação, foram notadas a ausência de bonecas negras nas dependências do CEI, ao longo do período de estágio elas foram aparecendo, ora no espaço externo, quintal, ora no espaço interno em algumas salas de aula. Tais modificações elucidam o papel formativo dos estágios curriculares, tanto para as instituições beneficiadas quanto para os estagiários alocados. Timidamente foram surgindo tecidos com estampas que remetiam à cultura afro, distribuição de bonecas de pano pretas, alguns dos outros estagiários também se comprometeram em perpetuar a temática nas suas práticas com as crianças, tais como oficinas de turbantes realizadas com a turma do Infantil III A. Seguindo essa perspectiva, elucidam-se os dizeres de Cardoso (2021) acerca do tema, não basta trabalhar a diversidade, mas é importante na abordagem das ações pedagógicas sincronizar com as demandas que a sociedade consolida.

Paralelamente às modificações no espaço exterior da creche, uma das intervenções realizadas do Infantil II B foi a elaboração de um espaço para a realização do brincar simbólico a partir do contexto de uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), para a elaboração do espaço nos apropriamos dos objetivos de:

1. Ofertar às crianças um ambiente onde o protagonismo negro seja realçado a partir da representação de figuras de poder na área da saúde, como médicos, fisioterapeutas, enfermeiros e etc;
2. Disposição de materiais encontrados nesse ambiente tais como: toucas, luvas, gaze e os demais instrumentos utilizados em campo hospitalar;
3. Imersão em contexto educativo e formativo onde elucidam-se o protagonismo e representação negra em locais sociais de poder predominantemente preenchidos por pessoas brancas.

A seguir, registros referentes à realização da atividade, onde crianças tiveram contatos com a representatividade negra em locais de poder através de imagens, diálogos e brincadeiras (Figura 3).

Figura 3 – Registros feitos a partir da intervenção do brincar livre na “UPA CAROLINA MARIA DE JESUS”, nota-se a presença de médicos e profissionais da saúde nas paredes da sala de referência, destacando a representatividade racial no ambiente referido.



Fonte: elaborada pelos autores.

Para a contextualização imprimimos fotos que conversavam com nossos objetivos para a realização da intervenção. Outro ponto que elucidamos ao longo da experiência foi como que os diferentes tipos de cabelo podem ser contemplados com a touca de EPI, uma vez que eu estava usando Box Braids, o que já difere da maioria dos cabelos encontrados em médicos e em funcionários das UPA's, foi demonstrado de forma materializada para as crianças que a touca pode ser adaptada para os diferentes tipos de cabelo.

7- Conclusão

Esse texto teve como objetivo principal realizar releitura das experiências vivenciadas ao longo do período de Estágio I em Educação Infantil ocorrido em 2023.2, componente obrigatório no curso de Pedagogia Diurno, a partir do Projeto de Plano de Curso (PPC) 2007.2, da Universidade Federal do Ceará. Como metodologia, optamos por uma abordagem qualitativa, cujos dados utilizados para nossas problematizações foram coletados a partir do relatório da disciplina curricular obrigatória Estágio I em Educação Infantil.

Os dados apontam um desaparecimento das questões étnico-raciais pela falta de problematização das relações na escola, pela força da ideologia de “não existe raça, somos todos iguais” em um país cujos dados mostram que o racismo à brasileira se vale exatamente da ideia de “democracia racial”, de que não há racismo aqui, enquanto a maioria da população (preta e parda) vive em condições de vida precárias enfrentando problemas no transporte público, acesso à saúde e educação, e permanência na escola.

“Pretagonismo” na Infância: a epistemologia presente|ausente na educação para relações étnico raciais dentro de um Centro de Educação Infantil.

A partir do que pudemos observar com os dados coletados, pomo-nos a nos perguntar: onde está a discussão da educação para as relações étnico-raciais na formação inicial e continuada de docentes que atuam junto à primeira infância? Está essa formação preparando tais profissionais para atuarem em uma sociedade marcadamente racista, ainda que negue e/ou silencie isso, de modo que seja garantida acolhida, cuidado de crianças pretas e pardas em nossas escolas? Na rede privada de ensino esses dados seriam muito diferentes? Apesar de pensarmos que não para esta última questão, cremos que outros estudos precisam elucidar e problematizar a educação que vem sendo ofertada para crianças, se entendermos que as relações étnico-raciais, de gênero e de classe estão no cerne de qualquer projeto sério de democracia.

Referências

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CARDOSO, C. **A Branquitude na Educação Infantil**. Curitiba: Appris Editora, 2021.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 11. Ed. São Paulo: Contexto, 2024.

HOYUELOS, R.; HOYUELOS, A.; RIERA, M. A. **Complexidade e relações na educação infantil**. Tradução Bruna Heringer de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2019.

FORMOSINHO, J. O. **Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma praxis de participação**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FURTADO, A. P. A. **A documentação pedagógica como uma possibilidade de transformação da pedagogia na educação infantil**. 2023. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Brasileira, Programa de Pós Graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**. São Paulo: Unesp, 2011.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2017.

SANTOS, B. S. A queda do Angelus Novus: para além da equação moderna entre raízes e opções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 45, p. 5-34, 1996.

TELES, C. P. **Representações sociais sobre as crianças negras na educação infantil:** mudanças e permanências a partir da prática pedagógica de uma professora. 2010. 171 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Sobre os autores

Francisca Veridiana Nunes de Freitas

Graduanda em Pedagogia da Faculdade de Educação pela Universidade Federal do Ceará, bolsista PIBIC- CNPq pela mesma instituição. Pesquisadora das Relações Étnicos Raciais na Educação Infantil. E-mail: veridiananunes@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4511-7787>.

Sahmaroni Rodrigues de Olinda

Doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará/Sorbonne Cité Paris 13/Nord, Integrante do grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação Docente GEPED/UFC. Professor adjunto do Departamento de Teoria e Prática do Ensino (FACED-UFC) E-mail: sahmaronirodrigues@ufc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4820-6134>.

Recebido em: 28/06/2024

Aprovado para publicação em: 27/08/2024